

Quem passeia por qualquer megalópole hodierna não pode deixar de notar, com frequência, a grande quantidade de prédios construídos sem qualquer preocupação estética. Afinal, para que as cores, se é mais fácil manter o cinza do concreto? Para que os ornamentos, se eles despendem dinheiro e para nada servem? Ou seja, a arte não serviria para nada, como propunha Oscar Wilde?

No entanto, uma análise atenta pode constatar que muitos dos referidos prédios, e até mesmo bairros inteiros, resultaram em verdadeiros fracassos arquitetônicos, em diversas partes do mundo. Aqueles prédios visavam, sem dúvida, ser úteis e até mesmo sofisticados, contudo, quase sempre, não possuíam qualquer preocupação estética, terminando por constituir um verdadeiro crime contra a beleza... E o que ocorreu, em muitos casos, é que esses edifícios tão feios acabaram por se tornar um grande problema: ninguém queria morar neles! Finalmente, o tão almejado “útil” passou a ser, em última instância, inútil... Em sentido contrário, várias outras construções devem a sua sobrevivência à distinta beleza de sua apresentação.

Mas, por que deveríamos conservar a beleza? Simplesmente porque faz parte da vida do homem, pois é natural que não visemos somente à satisfação dos apetites sensitivos, como no caso dos animais, mas repousemos a alma na contemplação estética e assim transcender do corre-corre hodierno para realidades superiores. O *pulchrum*, ademais, por seu caráter universal e por tocar especialmente a sensibilidade, possibilita uma harmonia interior para todo e qualquer ser humano. Afinal, quem não descansa a vista diante de um maravilhoso panorama ou quem não admira o sorriso inocente de uma criança? Isso porque, efetivamente, existe um *desiderium pulchri* radicado no mais íntimo de nosso ser. Por essa razão, glosando Santo Agostinho, podemos afirmar não somente que “*in interiore homine habitat veritas*”,¹ mas também que “*habitat pulchrum*”. Nesse sentido, exclamava Dostoievski com toda propriedade: “Sem a beleza não se pode viver, porque não haveria nada para fazer no mundo! Todo segredo está aqui, toda a história está aqui!”²

Esses são alguns sinais de quanto a beleza é importante. Mas ela é fundamental? Se a analisamos sob a perspectiva metafísica, como entendiam os

1) AGOSTINHO, Santo. *De vera religione*, XXXIX, 72 (PL 34, 154).

2) DOSTOIEVSKI, Fiodor. *Os demônios*, III, 1.

escolásticos, certamente sim. A própria Criação é bela em si mesma. E assim o primeiro capítulo do Gênesis reitera sete vezes a aprovação de cada ato criativo: “E Deus viu que isso era ‘bom’ (*tób*)”. Embora a tradução da palavra hebraica *tób* esteja correta, ela também poderia ser traduzida — como sugere a Septuaginta em outras ocorrências desse vocábulo no Antigo Testamento — por “belo” (*καλός*) ou — e aqui vem o paradoxo — por “útil” (*χρηστός*). Ora, pela doutrina dos transcendentais sabemos que eles são conversíveis entre si. Ou seja, o belo é bom, verdadeiro, uno e, fazendo as ressalvas necessárias, poderíamos também incluir no nosso caso o “útil”, como se comentava anteriormente.

Mas que *pulchrum* é fundamental? Não certamente aquele destituído de sua essência. Tampouco aquele que procura simplesmente a exacerbação da beleza do corpo humano, cuja constituição não é “senão uma caveira bem vestida”,³ e muito menos na procura do útil pelo útil.

Não teríamos talvez que encontrar no *pulchrum* uma relação frequente com o *sacrum*? Não há dúvida de que tanto um quanto outro se assemelham, porque ambos conduzem à sublimidade, graças a seu caráter espiritual e por sua ulterior elevação ao sobrenatural. E, curiosamente, no mundo contemporâneo, há uma espécie de negação da beleza equivalente à rejeição que se tem em relação ao sagrado. Pois assim como ocorre uma particular tendência de atacar a religião entre aqueles que a abandonaram, assim também algo semelhante sucede entre aqueles que menosprezam o belo, ao preferir em seu lugar o vulgar, o sujo e o desordenado.

Ora, por outro lado, o *Pulchrum* fundamental deve ser necessariamente aquele que buscava Agostinho: “Tarde vos amei, ó Beleza tão antiga e tão nova!”⁴ É o mesmo que está por detrás da arte sacra, que traz inúmeras almas à piedade ou à conversão. É aquele que todos instintivamente buscam, mas nem todos o encontram, por procurarem onde não o podem encontrar... Daí o papel da arte que, transpondo os limites do material, faculta a elevação dos homens, de modo simbólico e anagógico,⁵ às realidades sobrenaturais. E isso ocorre, sobretudo, através da arte sacra como comprova São João Damasceno: “Se um pagão vem e te pede: ‘Mostra-me a tua fé!’ [...] leva-o à igreja e

3) VIEIRA, Antônio. *Sermão do demônio mudo*, XI.

4) AGOSTINHO, Santo. *Conf.*, X, 27 (PL 32, 795).

5) Cf. DIONÍSIO AREOPAGITA. *De caelesti hierarchia*, c.I, n.2. In: *Corpus Dionysiacum II*. Ed. G. Heil and A.M. Ritter. Berlin: De Gruyter, 1991 (Patristische Texte und Studien 36), p. 7, l. 13.

mostra-lhe a decoração de que está ornada e explica-lhe as figuras das imagens sagradas”.⁶

Essa realidade, que se fazia presente no século VIII com a polêmica iconoclasta, hoje se faz mais atual que nunca. Para o homem contemporâneo, como notava muito bem Hans Urs von Balthasar, o *verum* e o *bonum* já não possuem a força de outrora. No entanto, o *pulchrum*, justamente por sua capacidade de atração e por sua simplicidade revestida de riqueza simbólica, pode oferecer à sociedade pós-moderna os parâmetros para a redescoberta do sentido da vida, oferecer o acesso à verdadeira Beleza e o resgate dos demais transcendentais.

Mas, para os cristãos, a Beleza se concentra em um nome: Jesus Cristo. Pois se Ele afirmou de Si mesmo que era “o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,6), seria perfeitamente cabível, dentro da doutrina dos transcendentais, que Ele dissesse de Si mesmo: “Eu sou a Beleza”. De fato, os comentaristas não cessam de atribuir a Deus feito carne, o famoso trecho dos Salmos: “Sois belo, o mais belo dos filhos dos homens” (Sl 44,3). Efetivamente, os relatos evangélicos demonstram o quanto Ele era, em absoluto, a Beleza Encarnada. Seus gestos eram comoventes, suas variadas parábolas, de uma retórica inédita, sua presença, fascinante. Em suma, se “Ele fez *bem* (καλῶς) todas as coisas” (Mc 7,37), é porque também *belamente* as fez.

Por isso, a beleza fundamental pode ser encontrada exclusivamente em um “ícone”: a própria fisionomia de Cristo, verdadeira “imagem (εἰκὼν) de Deus invisível” (Col 1,15). É nesse sagrado semblante que se cifra a Beleza, fonte e fundamento de toda e qualquer beleza.

Assim, de fato, a beleza salvará o mundo, como afirmava Dostoievski.⁷ Isso por uma razão muito simples: porque Cristo salvará o mundo.

6) JOÃO DAMASCENO, Santo. *Adversus Constantinum Caballinum*, 10 (PG 95,325CD).

7) Cf. DOSTOIEVSKI, Fiodor. *O idiota*. Trad. José Geraldo Vieira. São Paulo: Martin Claret, 2006, p. 422-423.